

¹ Professora de
Educação Infantil no
Município de
Canelinha - SC.
Especialista em
Psicologia da Infância.
E-mail:
andresasteil@bol.com.br

BRINCAR: uma questão de hábito ou uma necessidade?

Andresa Steil¹
Maria Isabel do Nascimento André²

²Psicóloga/Professora de
Psicologia – UNIVALI.
Mestre em Educação
Especial. Doutoranda
em Psicologia –
Universidade de
Sevilla-Espanha. E-
mail:
misabel@univali.com

Correspondência:
Rua Jander Steil s/n
Rio da Dona
Canelina S/C
CEP: 88230 000

A criança, ao longo da história e da evolução do homem, nem sempre foi considerada como é hoje. Antigamente ela era caracterizada como um ser ingênuo, inocente, gracioso ou ainda imperfeito e incompleto. Estas noções se constituíram em elementos básicos que fundamentaram o conceito de criança, entendido como um ser sem existência social, miniatura do adulto, abstrata e universal. Portanto, um conceito que independe da cultura ou da classe social.

Atualmente uma nova concepção sobre criança vem tomando espaço no panorama educacional. Nessa nova visão, a criança como cidadã caracteriza-se por um sujeito ativo onde a situação sociocultural, as condições econômicas, o sexo e a etnia exercem grande influência sobre ela e seu comportamento. Dessa forma, o conceito de criança passa a não ser único, mas depende de vários fatores do contexto onde ela está inserida.

Desde o momento em que nascem e à medida que crescem, as crianças se esforçam para agir e relacionar-se com o ambiente em que vivem; um mundo de sentimentos que aos poucos vai se ampliando e que elas procuram compreender, de modo que construam conhecimentos sobre a realidade e se percebam como indivíduo único na sociedade.

O círculo humano e o ambiente formado pelos objetos contribuem para a socialização da criança, e isto através de múltiplas interações, dentre as quais algumas tomam a forma de brincadeira ou pelo menos de um comportamento reconhecido como tal pelo adulto. Pois, os objetos

Artigo recebido em:
04/02/2007
Aprovado em:
17/06/2007

também são fatores importantes no processo de socialização, muito particularmente através dos brinquedos, que são objetos específicos da infância.

O brincar da criança evolui à medida que esta cresce. Seu desenvolvimento ficará mais complexo, envolvendo, assim, símbolos e regras. Isso fica bem claro quando observamos crianças de idades diferentes brincando juntas. Brincar é essencial para qualquer idade, em cada etapa de seu desenvolvimento a criança explora e interage de modo diferente. Essas mudanças em seu desenvolvimento não ocorrem de forma brusca, mas em períodos contínuos. A criança parte de explorações bastante rudimentares, como bater, morder, jogar, até ela chegar a explorações mais complexas, como as brincadeiras e os jogos com regras. É fundamental que a criança explore para que ela acumule conhecimento do mundo que a cerca e desenvolva suas capacidades motoras, da linguagem, da inteligência e da sua socialização.

Segundo Vygotsky (1998, p. 131),

[...] o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade.

Uma proposta lúdica no contexto escolar deve considerar os significados inscritos nos brinquedos e como estes objetos podem chegar às mãos das crianças, de modo a proporcionar as mais diversas experiências. O brinquedo recheia de conteúdos as brincadeiras das crianças e as relações delas com os adultos. É necessário para isto que os Centros de Educação Infantil dêem condições e promovam situações de acordo com as necessidades das crianças, oportunizando estimulação para seu desenvolvimento integral.

Vivemos em um mundo em que as mudanças ocorrem de forma cada vez mais acelerada, principalmente por causa da velocidade com que os conhecimentos e as informações chegam até nós. Neste momento de mudanças aceleradas nos deparamos com o ser humano que caminha para o futuro. Precisamos de uma formação mais humanista voltada para a criança em suas características de um ser dotado de corpo, espírito, razão e emoção. A afetividade é um elo importante, onde nós educadores fazemos de nossa aula uma gostosa aventura do aprender a aprender.

Entendemos que os brinquedos e as brincadeiras são fundamentais para as crianças assim como o alimento que faz crescer. Vão além do

divertimento. Servem como suporte para que a criança aprenda, atinja o desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo.

As reflexões aqui apresentadas surgiram através de meu fazer como atendente de crianças de 04 meses a 3 anos de idade em um Centro de Educação Infantil (CEI), onde hoje sou professora, e definiam as mudanças no meu trabalho. E foram muitas. Antes, como assinalo, era um depósito de crianças, bastava cuidar e brincar, não havia uma preocupação educativa. Chamou-me a atenção descobrir que desde bebê é possível fazer um trabalho educativo.

A sociedade acredita que brincar é passar o tempo, ou melhor, é perda de tempo, não acreditando nas capacidades que se desenvolvem na criança. No início, quando comecei a colocar em prática meu trabalho de educar, a participação das crianças era pequena e muitas se mostravam inseguras, mas, com o passar do tempo, elas foram se tornando mais seguras e confiantes no que estavam fazendo e participando ativamente no processo de ensino-aprendizagem. Logo, houve entre a professora e as crianças uma comunicação e interação saudável permeada pela brincadeira.

Como educadora, foram muitos anos de trabalho com crianças em um CEI, atuando com a faixa etária de 04 meses a 3 anos de idade onde tenho ainda o privilégio de estar educando. Porém, de alguns anos para cá minha atividade evoluiu, principalmente com a participação em uma Pós-graduação especializada na área. Compreendo o quanto é importante e fundamental o estudo com a prática para garantir um aprendizado com sucesso. E o professor é a peça fundamental neste processo. Ele também, por mais experiência que tenha, por mais conhecimento e jeito, passa a cada início de ano por um processo de adaptação à nova turma. Às vezes, há outras adaptações a fazer, como, por exemplo, ao seu par de trabalho, pois é comum o professor de crianças pequenas trabalhar com uma pessoa auxiliar. Se houve mudança de turma, o professor terá de se adaptar à faixa etária do seu novo grupo. O início de ano é sempre um momento delicado, cansativo. O grupo ainda não se constituiu. Como dar atenção a todos? A empatia entre o professor e a criança nem sempre é imediata. Como as crianças e as famílias, cada professor tem suas expectativas, sua história, seu estilo próprio, o qual, dentro do possível, é preciso respeitar. Cada um se tornou professor por um motivo diferente, cada um é um professor diferente. Aos poucos, a sua maneira, vão conquistando a turma, deixando-se conquistar por ela e, logo, passam a

ser vistos cercados de crianças que parecem já conhecer a muito tempo, mas no começo é assim, conquista, conhecimento, paciência, insegurança, crescimento, confiança... Um processo feito de outros processos individuais. E envolve-se gente, tempo, sentimentos, afeto, e o melhor da história é ver como, depois de um tempo, a insegurança é substituído por um saltitar alegre e descontraído, acompanhado de risos e de uma tagarelice sem fim.

Quando uma criança chega a um CEI, mesmo sendo muito pequena, traz consigo uma experiência, um modo de viver e de se manifestar, de conhecer, de interagir com o mundo. Geralmente esta modalidade de vida é muito primitiva e subjetiva, e uma das tarefas da escola infantil é a de auxiliar as crianças a aperfeiçoarem tais estratégias e adquirirem novas delas.

Entendo que o ser humano se constrói na relação com o outro. Entendo, também, que devemos dar a ele oportunidades de buscar esse entendimento, condições para que se aproprie dessa integração com o social através da troca de experiências e estabeleça, assim, uma relação significativa entre a criação e o meio em que está inserida.

O aprendizado pode ser construído com o mesmo prazer e interesse que um artista cria a sua obra. Se observarmos uma criança que brinca, seriamente envolvida e mergulhada em sua atividade, temos de nos preocupar com a preservação deste interesse. A preservação do prazer na atividade lúdica, através da qual a criança também deve aprender, pode depender da habilidade da pessoa que com ela interagir. Propicia-se, com isto, o verdadeiro brincar, aquele que possibilita a expressão das necessidades mais profundas do ser humano, aquelas que embora desconhecidas, podem estar bloqueando a liberação de potencialidades ou impedindo o acesso à felicidade.

A questão mais intrigante é: Por que as crianças brincam? Que características envolvem esse brincar, que contagia a todos, independente de idade, sexo, etnia, classe social, época ou cultura?

A criança brinca porque gosta de brincar, e quando isso não acontece, alguma coisa não está bem com ela. Enquanto uns dizem que a criança brinca por prazer, outros dizem que ela brinca para dominar suas angústias. Na busca de resposta a esta questão, encontramos muitas outras formas de enfocar o brincar, todas elas com uma base teórica consistente que merece nossa atenção. O brincar é assim enfocado tanto no fenômeno

filosófico como sociológico, psicológico, criativo, psicoterapêutico, pedagógico e, também, por outros ângulos de abrangências mais restritas e particularizadas. Dessa forma, sem ter a pretensão de aprofundar cada um desses aspectos, vou abordar apenas os principais pontos de cada enfoque. Conforme Santos e Cruz (2000).

Do ponto de vista *filosófico* o brincar é abordado como um mecanismo para contrapor à racionalidade. O mundo mudou, há rápidos avanços científicos e tecnológicos, as novas tendências sociais e culturais apresentam transformações e as verdades ratificadas pela racionalidade começam a não ter forças necessárias para enfrentar os desafios do novo mundo.

Do ponto de vista *sociológico* o brincar tem sido como a forma mais pura de inserção da criança na sociedade. Nessa linha de enfoque, a apropriação da cultura é resultado das interações lúdicas, que se dá entre a criança, o brinquedo e as outras pessoas.

Do ponto de vista *psicológico* o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação de seu comportamento.

Do ponto de vista da *criatividade*, tanto o ato de brincar como o ato criativo estão centrados na busca do Eu. É uma busca constante para descobrir algo novo. É no brincar que se joga com as imagens, símbolos e signos, fazendo uso do próprio potencial, livre e integralmente.

Do ponto de vista *psicoterapêutico* o brincar tem a função de entender a criança nos seus processos de crescimento e de remoção dos bloqueios do desenvolvimento. A psicoterapia busca resgatar no brinquedo o lado sadio e positivo da criança.

E, do ponto de vista pedagógico, o brincar tem se revelado como estratégia poderosa para a criança aprender.

Através desses enfoques, podemos perceber que o brincar está presente em todo ser humano, muito especialmente na vida das crianças. Podemos afirmar que realmente brincar é viver, e que as crianças brincam porque gostam e esta é uma necessidade básica, assim como a alimentação, a saúde, a habitação e a educação.

Froebel foi quem pela primeira vez viu que o ato de brincar poderia ser uma forma de atividade que seja responsável pelo desenvolvimento integral

das crianças, pelo estabelecimento das relações entre os objetos de sua cultura e a natureza. Naquela época se utilizavam os dons, representados por objetos geométricos para dar suporte ao ato de educar (SANTOS; CRUZ, 2000).

Por isso, quero demonstrar aos pais, professores e sociedade de maneira geral que brincar tem grande influência no desenvolvimento da criança, pois cria relações entre situações de pensamento e situações reais. Para Vygotsky (1998), todo conhecimento é fruto das interações sociais que se estabelecem pela mediação dos signos culturais construídos na coletividade. Essa interação faz a mediação do desenvolvimento da criança, pois fornece ao ser recursos para se apropriar ativamente de formas culturalmente desenvolvidas de perceber, memorizar, emocionar-se, solucionar problemas.

O brincar sempre fará parte das necessidades da criança. É a atividade mais séria e fecunda dela, através da qual ela simula situações, dramatiza experiências boas e más, descobre significados e conhece vários territórios, exercita seu pensamento para construir seu conhecimento. A criança, no brincar, reproduz cenas e fatos da vida dos adultos. Mas essa reprodução não se limita a simples imitação. As crianças imitam a vida adulta de uma forma dinâmica, crítica e, às vezes, inovadora; isto demonstra o modo como ela fica atenta a tudo que ocorre em sua volta. Através disso, as crianças aprendem as regras do grupo e os métodos de sobrevivência.

Vygotsky (apud REGO, 1995, p. 60) afirma que:

[...] o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive. [...] Por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural. Quando internalizados estes processos começam a ocorrer sem a mediação de outras pessoas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 33), “[...] é função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, cognitivas, afetivas a que estão expostas”. Perceber os conhecimentos das crianças não é fácil, implicará que o professor estabeleça estratégias didáticas para fazê-lo. Quanto menores são as crianças, mais difícil será a explicitação de seus conhecimentos, pois por serem bebês, elas não se comunicam verbalmente. Observar as crianças é um instrumento importantíssimo

no processo, seus gestos, movimentos corporais, sons produzidos, expressões faciais, o brincar e toda forma de expressão, representação e comunicação devem ser consideradas como fonte de conhecimento para o professor sobre o que a criança já sabe.

Utilizar as ferramentas do brincar na primeira infância significa transportar para o campo do processo de ensino-aprendizagem condições para a criança construir conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motora. Assim, é fundamental que as pessoas passem a compreender que brincar não é apenas lazer, não é passatempo, é coisa séria, e que nessa fase está a base para seu desenvolvimento, o qual determinará suas atitudes futuras.

Quando falamos em educação, somos forçados a pensá-la de uma maneira mais prazerosa nos dias de hoje. Assim, analisamos a escola como um elo muito importante entre o processo ensino-aprendizagem e o prazer que deveria proporcionar aos que fazem parte dela. A criança está cada vez mais exigindo dos educadores e da própria escola um saber com prazer. Segundo Assmann (1998, p. 29), “a educação se confronta com essa apaixonante tarefa: formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos definidores dos sonhos de felicidade individual e social”.

É muito difícil alguém negar que uma criança precisa brincar. Entretanto, raros adultos levam essa necessidade a sério, em casa, na rua e, especialmente, nos Centros de Educação Infantil. O direito de brincar é reconhecido por poucos como essencial no desenvolvimento humano. Brincar, para a criança, não é apenas se divertir, é coisa séria mesmo, é princípio determinante na vida da criança.

Para Kishimoto (2002, p. 44)

[...] a concepção de que o brincar deve restringir-se a espaços como o playground, ou uma sala como a brinquedoteca, mostra o quanto o brincar está ausente de uma proposta pedagógica que incorpore o lúdico como eixo do trabalho infantil.

Quando se pesquisa a educação das crianças até 3 anos, surgem inúmeras questões referentes à sua aprendizagem e desenvolvimento. Afinal, o que se quer desenvolver nas crianças nessa faixa etária? A resposta é muito simples: corpo, mente, sentimentos, ou seja, sua totalidade. Nesse sentido, o lúdico aparece como um grande auxílio na importante tarefa de educar com prazer e com afetividade. Toda criança gosta de brincar, ela precisa

da brincadeira, de limites para se sentir amada, protegida e para se respeitar e respeitar seus colegas.

Os Centros de Educação Infantil devem ser um espaço que permita à criança ser agente de sua própria brincadeira, tendo na figura do professor um parceiro que a respeite e a estimule a ampliar cada vez mais seus horizontes.

Em minha prática, os trabalhos se desenvolvem no processo de ação/ transformação, onde as crianças constroem, criam e brincam, utilizando uma variedade de materiais, com a orientação constante da professora que participa ativamente desta construção. Nas vivências são realizadas ações que estimulam os aspectos sociais, afetivos e psicomotores, promovendo, assim, o desenvolvimento integral da criança.

Ao se expressar, a criança está se valendo de uma linguagem, de um sistema de representação para comunicar uma realidade própria, construída a partir das suas atividades no meio circundante, as quais ela discrimina e reestrutura de forma original. Mas fundamental e gratificante, sobretudo, para o indivíduo que está criando é o sentimento encontrado de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que se libera no ato de criar.

Neste sentido, é importante que o professor esteja atento, principalmente, para o desenvolvimento da percepção visual da criança, uma vez que esta vai propiciar uma melhor leitura do mundo, bem como uma correlação positiva na construção das representações e dos símbolos. A percepção visual não parte de particularidades, mas de generalidades. Por isto, as primeiras representações, baseadas na observação ingênua, se referem à generalidade, isto é, a aspectos estruturais gerais simples e além de se preocupar com o conteúdo das atividades têm que se lembrar de que nossas atitudes também afetam o desenvolvimento da personalidade das crianças. A importância do professor é mais acentuada na infância, principalmente nessa faixa etária que vai até os três anos de idade, onde a criança convive com vários educadores durante todo o tempo em que está na escola e é o professor que encaminha a criança na passagem do meio familiar para o desconhecido mundo da escola. Tudo isso faz do professor um objeto de afeição.

A relação afetiva professor e aluno ganhou peso nos últimos anos já que a escola tem dividido com a família, cada vez mais cedo, a tarefa de cuidar e educar da criança. Além disso, como os laços criados no ambiente

escolar não têm a mesma possessividade das ligações familiares, essa ligação se torna especialmente importante, pois não há dúvida, os primeiros contatos com a escola definem se a criança terá uma convivência boa ou não com o aprendizado. Se a preocupação em cativar o carinho dos alunos é positiva, por outro lado o professor não deve esconder os sentimentos negativos que tem em relação a eles. Infelizmente, muitas vezes, o magistério é visto como sacerdócio, não como profissão.

Considerações finais

A Educação Infantil é fundamental no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, implicando de forma geral, o desenvolvimento de sua própria vida. A criança precisa brincar para crescer, para haver um equilíbrio com o mundo.

Estamos vivendo numa perspectiva educacional onde a relação entre educar e os aspectos lúdicos em crianças pequenas, especificamente nas creches, está sendo cada vez mais valorizada, onde a evolução humana torna-se algo imprescindível.

O Centro de Educação Infantil, portanto, é um suporte que possibilita dar continuidade a essa evolução, transmitir aos pais e à sociedade esse entendimento de que o processo de conhecimento e a formação do *eu* começa na família e depois a seqüência é dada pela escola. A grande viagem da escola está exatamente no entendimento das possibilidades que existem em trabalhar o brincar na sua totalidade. Através destas reflexões e experiências na área pretendo ampliar a discussão sobre o campo do brincar de maneira que possamos trabalhar a aprendizagem de um modo mais significativo e vivenciar com nossas crianças aquilo que sua cultura nos proporciona.

Incentivar a brincadeira da criança é uma tarefa indispensável para nós educadores. O prazer que vem do brincar é a mesma forma do sentido do prazer de viver, ser, investigar, sentir, tocar, viver com o outro, vibrar com vitórias, enfrentar derrotas etc. O brincar valoriza a qualidade, e não a quantidade de existência, um tempo feliz e criativo que se realiza em qualquer momento da vida das pessoas.

Concordo com Assmann (1998, p. 29): “[...] a aprendizagem é, antes de mais nada, um processo corporal . Todo conhecimento tem uma inscrição corporal”. Toda criança tem de brincar para se manifestar por inteiro. Para ela, é importante sentir prazer no que faz e não fazer porque recebeu uma ordem ou ainda fazer por fazer.

Nós educadores, precisamos mostrar aos pais e à sociedade que a criança entra para a creche (etapa inicial da Educação Infantil) não somente para ser cuidada e para brincar. Ela brinca sim, com os conteúdos a serem trabalhados de forma prazerosa, que não queimam sua etapa de desenvolvimento, pois cadernos e pastas cheias não são sinônimos de aprendizagem e o brincar foi e sempre será prioridade para a criança. A convivência de crianças e professores com um conjunto de brinquedos diversos pode permitir que inúmeras experiências lúdicas se realizem e que as histórias neles contidas sejam lembradas, descobertas, transmitidas e questionadas.

O que talvez esteja faltando à sociedade seja acreditar mais no poder da brincadeira e que nós educadores transmitamos com confiança esses valores a todos para que percebam o que se encontra por trás das maravilhas do mundo das brincadeiras e que elas trazem enormes contribuições para o desenvolvimento das habilidades de aprender e pensar em nossos educandos.

Referências

- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade atendente. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- KISHIMOTO, T. Froebel e a concepção de jogo infantil. In: KISHIMOTO, T M. (Org) **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira: 2002.
- SANTOS, M.P.S; CRUZ . **Brinquedo e Infância**: Um guia para pais e educadores em Creche, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000
- VYGOTSKY:, L. S. **A Formação Social da Mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.